

# Antero de Quental

*Publicamos hoje alguns sonetos de Antero — a alma mais complexa de poeta, e nomeadamente de poeta-filósofo, que já tivemos. Não é uma homenagem (somos contra todo o exibicionismo). Fazendo-o temos unicamente em mira lembrar o espirito mais inquieto, a inteligência mais profunda da nossa literatura.*

## Disputa em família

### I

Sai das nuvens, levanta a fronte e escuta  
O que dizem teus filhos rebelados,  
Velho Jehová de longa barba hirsuta,  
Solitário em teus Céus acastelados:

«--Cessou o império emfim da força bruta!  
Não sofreremos mais, emancipados,  
O tirano, de mão tenaz e astuta,  
Que mil anos nos trouxe arrebanhados!

«Enquanto tu dormias impassível,  
Topámos no caminho a liberdade  
Que nos sorriu com gesto indefinível...

«Já provámos os frutos da verdade...  
O' Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrível,  
Não passas duma vã banalidade!—»

### II

Mas o velho tirano solitário,  
De coração austero e endurecido,  
Que um dia, de enjoado ou distraído,  
Deixou matar seu filho no Calvário,

Sorriu com rir estranho, ouvindo o vário  
Tumultuoso côro e alarido  
Do povo insipiente, que, atrevido,  
Erguia a voz em grita ao seu sacrário:

«—Vanitas vanitatum! (disse). E' certo  
Que o homem vão medita mil mudanças,  
Sem achar mais do que erro e desacerto.

«Muito antes de nascerem vossos pais  
Dum barro vil, ridículas crianças,  
Sabia eu tudo isso... e muito mais!—»

## Ignoto Deo

Que beleza mortal se te assemelha,  
O' sonhada visão desta alma ardente,  
Que reflectes em mim teu brilho ingente,  
Lá como sôbre o mar o sol se espelha?

O mundo é grande—e esta ânsia me aconselha  
A buscar-te na terra: e eu, pobre crente,  
Pelo mundo procuro um Deus clemente,  
Mas a ara só lhe encontro... nua e velha...

Não é mortal o que eu em ti adoro.  
Que és tu aqui? olhar de piedade,  
Gota de mel em taça de venenos...

Para essência das lágrimas que choro  
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,  
Descobre-te, visão, no céu ao menos!

## Ignotus

Onde te escondes? Eis que em vão clamamos,  
Suspirando e erguendo as mãos em vão!  
Já a voz enrouquece e o coração  
Está cansado—e já desesperamos...

Por céu, por mar e terras procuramos  
O Espirito que enche a solidão,  
E só a própria voz na imensidão  
Fatigada nos volve... e não te achamos!

Céus e terra, clamai, aonde? aonde?—  
Mas o Espirito antigo só responde,  
Em tom de grande tédio e de pezar:

—Não vos queixeis, ó filhos da ansiedade,  
Que eu mesmo, desde tôda a eternidade,  
Também me busco a mim... sem me encontrar!